

A RETERRITORIALIZAÇÃO NA POESIA DE PAULA TAVARES

Ciomara Breder Kremser (UFJF)¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é entender como se dá o processo de reterritorialização e de construção do entrelugar na poesia da angolana Paula Tavares. É observado que esse discurso poético é marca de hibridismo, que se efetiva como uma tradução cultural e é instrumento de formação de identidade(s) própria(s) e nacional(is). É visto ainda que essa poesia se consagra como lócus privilegiado da enunciação feminina.


Palavras-chave: Reterritorialização; Angola; Identidades; Paula Tavares.

Selecionamos para nossa análise o poema: “O lago da lua”, texto que abre e nomeia o livro, de Paula Tavares, publicado em 1999. *O lago da lua*: antologia poética, segundo a própria autora fala, em entrevista concedida a Susanna Ventura, para revista *Critério*, em janeiro de 2009, é um livro mais doce e menos explosivo que o seu livro de estreia *Ritos de passagem* (1985). Em seu segundo livro de poemas Tavares afirma que tem traços da cultura local angolana, tem relação homem-mulher, tem um pouco de erotismo, assim como o primeiro livro tem. Porém, em *O lago da lua*, a autora revela que há maior intimismo, um maior tom reflexivo e maior tranquilidade, ou seja, um enorme prazer do texto. Ana Paula diz que o segundo livro não tem o compromisso revolucionário que o primeiro tinha, explica que isso é devido ao seu amadurecimento e é devido também ao distanciamento maior da luta pela Independência de sua nação, consolidada em 1975.

Paula Tavares ainda revela em entrevista dada para Susanna Ventura (TAVARES, 2009) que a partir da segunda obra não tem mais a enorme preocupação de escrever para publicar, pois passados os rompantes dos trinta anos não tem mais a necessidade de dizer algo. Ela agora simplesmente escreve pelo prazer e porque a escrita faz parte de sua vida. Também revela que esse livro foi escrito no exílio, ou seja, parte escrito em Angola e parte já em Portugal, onde mora atualmente. Ela explica que não se trata de um exílio político, pois não foi obrigada a morar na Europa, mas que se sente exilada porque está fora de sua nação.

Com esses comentários, com os conceitos de diáspora (HALL, 2003) e identidades diaspóricas (GILROY, 1997) notamos o caráter diaspórico e

¹ Ciomara Breder Kremser é doutoranda em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (UFJF), onde é bolsista CAPES e atua como membro do corpo editorial da *Ipotesi*: Revista de Estudos Literários da UFJF. Orientadora: Profa. Dra. Prisca R. A. de A. Pereira.



desterritorializado da obra, afinal, “identidades que não têm uma “pátria” e que não podem ser atribuídas simplesmente a uma única fonte” (GILROY, 1997 apud Woodward, 2013, p. 22).

Enquanto no primeiro livro *Ritos de passagem* (1985) notávamos um sonho de uma pátria livre, quatorze anos depois, em *O lago da lua* (1999) aparece a agonia desse sonho. A temática erótica e outras pertinentes ao universo feminino, tais como: o cotidiano, o sagrado, os ciclos da vida, as tradições, os ritos e a relação homem/mulher, reaparecem, mas, agora, envoltas de uma dor e de uma decepção da utopia desmoronada.

Observamos que a poeta dá continuidade ao projeto de perpetuação da cultura angolana, com dados concretos de sua realidade. Porém, em sua segunda obra, potencializa os sentidos nela contidos, expandindo de um regional para o universal, já que os limites locais alçam ao espaço existencial.


Para maior compreensão da nossa leitura transcreveremos a seguir o poema “O lago da lua”, que é objeto de nossa análise, neste estudo.

O lago da lua

No lago branco da lua
lavei meu primeiro sangue
Ao lago branco da lua
voltaria cada mês
para lavar
meu sangue eterno
a cada lua

No lago branco da lua
misturei meu sangue e barro branco
e fiz a caneca
onde bebo
a água amarga da minha sede sem fim
o mel dos dias claros.
Neste lago deposito
minha reserva de sonhos
para tomar (TAVARES, 1999, p. 11).

O título já é revelador para nós, pois apresenta dois elementos da natureza: o lago e a lua, que são palavras de gênero masculino e feminino, respectivamente, que estariam em complementação. A palavra lago remete a ideia de água, um elemento vital. Lago metaforicamente pode representar o olho da Terra, por onde o subterrâneo vê os




homens; um afloramento do Oceano, que garantiria existência e fecundidade, um céu líquido; uma morada dos deuses; palácios subterrâneos de joias, que atraem os homens, revelando assim, um caráter perigoso.

Além disso, segundo Carmen Tindó Secco, em “As veias pulsantes da terra e da poesia”, posfácio da antologia poética *Amargos como os frutos: poesia reunida*, de Paula Tavares (2011), afirma que “a imagem do lago remete aos sonhos que resistiram à dor e à guerra; funciona como espelho no qual o sujeito poético procura a identidade esboroadada” (TAVARES, 2011, p. 266). É oportuno lembrar que Huíla, terra natal de Paula Tavares, é um território cercado de lagos. Portanto, a imagem lacustre é uma das maneiras de a poeta promover a reterritorialização.

A lua simboliza a correlação com o sol, não tem luz própria e é um reflexo do sol, mas atravessa fases e formas diferentes, simbolizando o princípio feminino e assim a periodicidade, a renovação, a transformação e o crescimento, ou seja, são os ritmos biológicos. É símbolo do conhecimento indireto; rege a renovação periódica, a morte e a ressurreição; é a divindade da mulher; representa os sonhos; devido ao seu aspecto noturno, crepuscular, pode simbolizar um caminho pouco iluminado e perigoso. Portanto, no título já encontramos uma identificação: da mulher com os elementos da natureza, do feminino com o masculino.

Importante destacar que essa ligação da mulher com a natureza, da mãe com a terra, do feminino angolano com a Mãe-África é recorrente na poética de Paula Tavares. Constantemente observamos a identificação do feminino com frutos, plantas, elementos geográficos, astronômicos, sagrados, alimentos, oferendas, bichos, etc. Em suma, Tavares poetiza e ritualiza o cotidiano da mulher angolana, desde trabalhos domésticos como o plantio da terra, como uma mãe cuidando de um filho e até mesmo rituais sagrados como o alambamento.

Na primeira estrofe temos uma informação interessante, o lago vem acompanhado de um adjetivo branco, que traz a ideia de pureza, de claridade, de tranquilidade, de paz. Nesse lago o eu-poético lava seu primeiro sangue, que representa o vermelho da paixão, o sangue da vida, que transforma a menina em mulher, que marca o início da procriação, que inicia o ciclo da vida. Na mistura de branco e vermelho temos uma forte sinestesia, semelhante ao jogo de luz e sombra gerado pelo efeito da luz da lua e do sol.



Notamos o forte aspecto telúrico que marca a poesia de Paula Tavares, uma constante ligação do elemento feminino com a natureza, a sua terra, aqui no caso, através da primeira menstruação. Essa informação já é reveladora da forte ligação que as mulheres de Angola nutrem com sua terra, confirmada pela a autora em entrevista, quando afirma estar em exílio quando afastada de sua nação.


Na renovação cíclica do processo de “lavar/ meu sangue eterno/a cada lua” (TAVARES, 1999, p. 11), notamos que o sangue feminino, sagrada fonte de vida adquire um novo sentido, ainda mais amplo, passa a simbolizar o sangue da nação-terra. Todos os sangues que tiveram que ser derramados pelo ideal de liberdade, pela manutenção da vida, no cotidiano de trabalho sofrido na terra, pelo qual passa a mulher angolana.

Ainda na primeira estrofe, temos a ideia de purificação no ato de se lavar, ideia de ritual ancestral retomado periodicamente, marcado pelo ciclo da lua. A marcação do tempo é feita pela natureza e o eu-poético ao se assumir mulher, nessa condição, nos revela a cumplicidade que tem com as demais mulheres de África, pois seu sangue é eterno.

No início da segunda estrofe temos a mistura ritualística de seu sangue com o barro branco, dando origem à “caneca”, com isso, ocorre novamente a mistura da mulher à terra, de um corpo feminino que se faz corpo-nação. Conforme Secco (2011) afirma:

A terra e o barro, embora suas texturas não apresentem reflexos como os das águas lacustres, guardam, de outra maneira, uma função especular que se evidencia nos trabalhos criativo das oleiras, cujas mãos moldam peças singulares em terracota, gravando, na memória da argila, fragmentos de suas histórias (TAVARES, 2011, p. 266).

Com isso, observamos a ligação ritualística da poeta com as mulheres de Angola, com sua terra natal e com a própria criação poética, já que o ato de moldar o barro é metáfora do fazer poético. E caneca, simbolicamente, pode ser comparada a uma taça, que nos remete à ideia de vaso da abundância, da imortalidade, o seio materno, os mistérios que envolvem o Graal, a fidelidade, a soberania, o coração, o destino do homem recebido de Deus (ou de qualquer outra representação do sagrado), a preparação para a comunhão e a essência da revelação.




Essa caneca, com tanta riqueza de simbologia, serve de recipiente onde o eu-poético bebe a água amarga de sua sede sem fim, essa amargura da água sugere a dor, o sofrimento contido no ato de viver e na difícil tarefa de amadurecimento do corpo e da alma. A sede eterna, sem fim, talvez seja a dor do ser mulher em uma sociedade falocêntrica, que busca árdua e continuamente sua identidade, seu espaço de enunciação. Por isso, é uma tarefa ambígua, que mistura dor e prazer, amargo e mel, pois é algo sofrido. Mas é muito gratificante, uma vez que resulta em libertação da voz feminina e maturidade, representados aqui pelos dias claros, iluminados, livres.

Finalmente, o eu-poético abandona a melancolia e exalta a esperança. Afirma que nesse lago deposita todos os seus sonhos, ou seja, toda a promessa de renovação e transformação que a lua simboliza e faz resplandecer nesse lago. Neste momento se completa o ciclo da vida, a maturação do corpo-mulher e se reinicia outro ciclo, em uma simbologia ritualística de ressurreição desse corpo feminino, pois cabe à mulher o ato sagrado da procriação.

Interessante observarmos que o tempo verbal do poema também é cíclico, mistura presente e passado como em um anúncio de etapas da vida: primeiro ocorre a preparação e a purificação do ventre feminino; depois, esse ventre, já feito em mulher, resgata suas memórias e todas memórias culturais dos rituais sagrados ensinados de mães para filhas em África.

Em sociedades colonizadas como a angolana, foi fundamental para a sobrevivência da sua cultura a preservação dessas práticas de oralidade, desses ritos sagrados, pois a colonização tentou anular e homogeneizar as identidades e as práticas culturais dessas nações. O ritual reeditado por essas narrativas poéticas não é analisado pela ótica ocidental, mas é enraizado na cultura local e sacralizado pela tradição ancestral.

É provável que o objetivo do texto de Paula Tavares, hoje, seja efetivar essa tradução cultural. Haja vista que, superado o ato de libertação do período imediatamente pós-independência, agora se trata de uma releitura, de uma reafirmação ou uma resignificação. Uma reterritorialização, uma postura estética-crítica da poeta em promover o hibridismo cultural, afinal as artes são um instrumento ideal para efetivação desse processo, uma estratégia encontrada por Tavares para entrar e sair da modernidade. Ou, “talvez a tarefa do escritor, em um tempo que o literário se forma na



interação de diversas sociedades, distintas classes e tradições, seja refletir sobre essa situação póstuma da modernidade” (CANCLINI, 2013, p. 111).


Lançamos mão do pensamento de Canclini sobre a desterritorialização e a reterritorialização:

As buscas mais radicais sobre o que significa estar entrando e saindo da modernidade são as dos que assumem as tensões entre desterritorialização e reterritorialização. Com isso refiro-me a dois processos: a perda da relação “natural” da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas (CANCLINI, 2013, p 309).

Nessa vertiginosa reflexão das perdas das fronteiras, nesse simulacro de mundo, nessa intensa e constante diversidade e hibridez que está centrada a escritora e intelectual contemporânea. Para ela a desterritorialização é muito mais que um conceito, é algo concreto e latente, pois de torna parte de sua experiência diária. Semelhante a um vagalume (Didi-Huberman, 2011, p. 160), que nos ilumina em meio à escuridão, ele deve acima de tudo refletir criticamente sobre o que é o contemporâneo (AGAMBEN, 2009, p. 59) e sobre suas implicações e seus processos.

Assim, observamos que a poesia de Paula Tavares é contemporânea e se manifesta como um vagalume nesse universo híbrido, encantador, misterioso e, ainda quase desconhecido, do ponto de vista ocidental, que é a Mãe-África. Através da instabilidade de fronteiras que sua poesia propicia, essa escritora-intelectual ou *vice-versa*, torna evidente a reterritorialização de sua Angola.

Consultando novamente o depoimento da autora, lemos que ela fala sobre os muitos sentidos da escrita e da vastidão dos enunciados. Assim afirma: “Não estou fechada na concha do medo. Agora há angústias: não consigo suportar a partida dos amigos, o sofrimento de alguns deles. O medo de estar longe, demasiadamente longe, a ideia de perder a voz e a vez da poesia” (TAVARES, 2010). Nessa fala, a autora nos revela que usa o seu discurso como poder de voz, lócus privilegiado de enunciação, do qual não abre mão. Ou seja, para ela o sentido da escrita é libertação. Em mesma entrevista, ainda nos revela que Angola é sempre seu principal mote: “Angola dói-me todos os dias, alegra-me da mesma maneira. Dá-me a medida exacta do meu desconhecimento” (TAVARES, 2010).



Com isso, podemos notar que Ana Paula Tavares toma corpo de seu texto, assumindo-o como seu exercício de poder e, incorporando a tradição dos ancestrais de sua terra. Além disso, vale lembrar que outra maneira de transformar esse espaço elíptico da escrita em exercício de poder é a transmutação do corpo feminino em voz, como já mencionado anteriormente (PADILHA, 2000, p. 298).

Portanto, notamos que nesse poema “O lago da lua” a menina está se transformando em mulher, através do seu encontro sagrado com a natureza, ela vai construindo sua identidade, promovendo sua identificação. Nessa identificação ocorre uma mistura de prazer e dor, de amargura e de docilidade, de sede e de sonhos, ou seja, é o prazer – gozo carnal – do amadurecimento do corpo-mulher. Mas, ao mesmo tempo, é a dor do amadurecimento da consciência de ser excluído. No entanto, esse ritual termina em um ato de esperança, pois “neste lago deposito / minha reserva de sonhos” (TAVARES, 1999, p. 11).

Referências bibliográficas:


ABDALA JR., Benjamin. Fronteiras múltiplas e hibridismo cultural: novas perspectivas ibero-afro-americanas. In: _____. *De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos*. Cotia: Ateliê, 2003, p. 77-102.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Vinícius Nicastro Honesko. (Trad.). Chapecó: Argos, 2009.

AGUSTONI, Prisca. *O Atlântico em movimento signos da diáspora africana na poesia contemporânea de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BALONGUN, Ola; AGUESSY, Honorat; DIAGNE, Pathé; SOW, Alpha I. *Introdução à cultura africana*. Luanda: INALD, 1977.



BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Myriam Ávila, Eliana L. de L. Reis, Gláucia R. Gonçalves (Trad.). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos*. Eduardo F. Coutinho (Org.). Teresa D. Carneiro (Trad.). Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 80-95.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2013.

CARDOSO, Claudia F. de O. O poeta viajante e a experiência da modernidade: os casos de Ruy Duarte de Carvalho e Paula Tavares. *Escrita: revista do curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis*, v. 5, n. 1, janeiro-abril 2014, p. 26-38. Disponível em: http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/1425/pdf_191 Acesso em 10 jul. 2014.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia: Ateliê, 2005.

_____; MACÊDO, Tania. (Org.). *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Vera Casa Nova, Márcia Arbex. (Trad.). Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DUARTE, Constância Lima; SCARPELLI, Marli Fantini. (Org.). *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2002, v. 3.

DUARTE, Zuleide. A tradição oral na África. *Estudos de Sociologia: revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife*, v. 15, n. 2, p. 181-189, dez. 2009. Disponível em:

<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/156/86> Acesso em: 1 jul. 2014.

FENSKE, Elfi Kürten. *Ana Paula Tavares - a poética do espaço*. Templo Cultural Delfos, junho/2015. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2015/06/ana-paula-tavares.html> Acesso em: 25 jul. 2017.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Laura F. de A. Sampaio. (Trad.). São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. (Org.) Liv Sovik. Adelaide La Guardia Resende et al. (Trad.). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. (Trad.). Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva. (Org. e Trad.). 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 103-33.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005, p. 1-44.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Ricardo Cruz. (Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 84-103.

IPOTESI: revista de Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. v. 14, n. 2, jul./dez.2010. Juiz de Fora: UFJF, 2010. Semestral. ISSN 1415-2525.

ONOFRE, Clara. *Angola: o alambamento e os rituais do casamento*, [ago.2010]. Disponível em: <http://pt.globalvoicesonline.org/2010/08/29/angola-o-alambamento-e-os-rituais-do-casamento/> Acesso em: 15 jul. 2015.

PADILHA, Laura Cavalcante. Paula Tavares e a semeadura das palavras. In: CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda, SALGADO, Maria Teresa. (Org.). *África & Brasil: Letras em laços*. São Paulo: Atlântica, 2000, p.287-302.


_____. A encenação do corpo por três poetisas africanas. In: _____. *Novos pactos, outras ficções: Ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2002, p. 173-191.

_____. Como uma segunda pele ou poesia feminina africana, em expansão. In: DUARTE, Constância Lima; SCARPELLI, Marli Fantini. (Org.). *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2002, v. 3, p.13-20.

PASSOS, Vinícius Lopes. A mão que desenha o corpo: O lago da lua. *Scripta: Revista do Departamento de Letras da PUC Minas, do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros – CESPUC-MG*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 374-384, dez. 2003. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta13/Conteudo/N13_Parte04_art14.pdf Acesso em: 25 ago. 2017.

PEREIRA, Prisca R. Augustoni de Almeida. *O Atlântico em movimento: travessia, trânsito e transferência de signos entre África e Brasil na poesia contemporânea em língua portuguesa*. 2007. 314f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.



SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tomás Rosa Bueno. (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. O orientalismo revisto. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 251-273.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. As veias finas pulsantes da terra e da poesia: posfácio. In: TAVARES, Paula. *Amargos como os frutos: poesia reunida*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011, p. 261-281.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva. (Org. e Trad.). 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.


SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 113-133.

SOUZA, Mailza Rodrigues Toledo e. As subjetividades femininas na poesia de Paula Tavares. *Nau Literária: crítica e teoria de literaturas*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 07, n. 01, p.1-15, jun. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/20621/13334> Acesso em: 15 jul. 2015.

TAVARES, Paula. *A oralidade é meu culto: entrevista a Ana Paula Tavares*, [nov. 2010]. Entrevistador: Pedro Cardoso. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-oralidade-e-meu-culto-entrevista-a-ana-paula-tavares> Acesso em: 10 jul. 2014.

_____. *Amargos como os frutos: poesia reunida*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

_____. *Entrevista com Ana Paula Tavares para a Revista Critério*, [jan. 2009]. Entrevistadora: Susanna Ventura. Disponível em:



<http://revista.criterio.nom.br/entrevista-ana-tavares-susanna-ventura.htm> Acesso em: 15
Jan. 2015.

_____. *O lago da lua*. Lisboa: Caminho, 1999.

_____. *Ritos de passagem*. Luanda: União dos escritores angolanos, 1985.

TORRES, Sonia. Desestabilizando o “discurso competente”: o discurso hegemônico e as culturas híbridas. *Gragoatá: revista da pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense*, Niterói, v. 1, n. 1, p. 169-178, dez. 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva. (Org. e Trad.). 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 7-72.